

NARRATIVAS DE SANGUE E RESISTÊNCIA: História Pública e as Guerras de Conquista na série documental *Guerras do Brasil.doc*

Narratives of Blood and Resistance: Public History and the Conquest Wars in the
Documentary Series “*Guerras do Brasil.doc*”

Tyego Franklim da Silva¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o episódio “Guerras da Conquista” da série documental *Guerras do Brasil.doc* à luz da História Pública, buscando compreender a produção apropriou-se e mobilizou o conhecimento histórico sobre as chamadas guerras de conquista, para transmitir ao grande público a relevância e o impacto das guerras envolvendo forças luso-brasílicas e grupos indígenas, incluindo a chamada “Guerra dos Bárbaros”, na formação social e territorial do Brasil. Para tanto, desenvolveu-se uma análise crítica da construção audiovisual do episódio, destacando como as narrativas históricas foram reinterpretadas e comunicadas ao público.

Palavras-chave: Guerras da Conquista; Guerras de conquista dos sertões; Guerra dos Bárbaros.

Introdução

Nos últimos anos, observamos um crescimento significativo nas pesquisas em História que ressaltam a necessidade de ampliar os debates históricos, rompendo as fronteiras das universidades e dialogando diretamente com o espaço público. Essa movimentação para além dos muros acadêmicos é impulsionada, em grande parte, pela constatação de que o avanço de discursos negacionistas, a proliferação da desinformação e o uso político da história têm imposto o desafio urgente de reafirmar a autoridade dos historiadores. Nesse cenário, torna-se

¹ Doutor em História e Espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); professor de História na Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte (SEEC-RN); Pesquisador do Grupo de Pesquisa Formação dos Espaços Coloniais, do Departamento de História da UFRN; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2997280658761701>. E-mail: tyegofranklim@gmail.com.



essencial disseminar o conhecimento histórico, produzido com o rigor da ciência, para públicos mais amplos (Carvalho, 2016).

Nesse sentido, a ameaça representada pelo negacionismo e a difusão da desinformação mirou (e ainda mira) em grupos historicamente marginalizados, negando-lhes o protagonismo e/ou atribuindo a eles a responsabilidade por episódios de insucessos que tiveram ao longo do tempo. No conjunto, essa ameaça representa uma “desordem informacional”, operada de forma consciente para manipular a opinião pública contra indivíduos ou grupos sociais, em grande medida com impacto político (Wardle e Derakhasan, 2023, p. 38-39). Grupos étnicos e identitários (como os afrobrasileiros, os remanescentes de quilombolas, os povos indígenas e os LGBTQIAP+) são frequentemente atacados por discursos partem dessa “desordem informacional” e que, na contramão do conhecimento científico, recorrem a interpretações enviesadas e superficiais de documentos históricos e referências historiográficas para negar direitos, protagonismos e a cidadania desses grupos.

Em abril de 2019 a plataforma de streaming Netflix lançou a série documental brasileira *Guerras do Brasil.doc* (2019), idealizada e produzida por Luiz Bolognesi, Felipe Milanez e Laís Bolognesi. Dividida em cinco episódios, a série detalha momentos marcantes da história do Brasil, todos caracterizados por grandes conflitos bélicos². Focamos nossa análise sobre o primeiro episódio: intitulado *Guerras da Conquista*³, discute os conflitos entre luso-brasileiros e

² GUERRAS do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. Roteiro: Felipe Milanez e Luiz Bolognesi. Produção: Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. Brasil: Netflix, 2019. Digital.

³ Ao longo do texto se usará o termo “Guerras da Conquista” para se referir ao episódio da série documental *Guerras do Brasil.doc*; e o termo “guerras de conquista” para se referir aos eventos bélicos ocorridos nos processos de conquista e territorialização dos espaços coloniais por tropas luso-brasileiras. A “guerra de conquista” exprime um movimento bélico que se fundamenta na *Iuri Belle* (Direito de Guerra) em vigor nas monarquias ibéricas no período das conquistas. MACEDO, Paulo Emílio V. Borges de. O Direito da Guerra em Francisco Suárez: o projeto civilizador da escolástica espanhola. **Revista da Faculdade de Direito da UERJ**, vol. 2, nº 22. Rio de Janeiro, 2012. SILVA, Tyego Franklim da. **“Entrada dos palmares e sossego dos Tapuias do Rio Grande”**: as guerras de conquista dos sertões das Capitanias do Norte do Estado do Brasil (1654-1716). Orientador: Dr. Lúcio José de Oliveira Maia. 2023. 362f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.



indígenas nas primeiras décadas do processo de colonização do Brasil, abordando também a chamada “Guerra dos Bárbaros” e contando com relatos e depoimentos de historiadores, antropólogos e lideranças indígenas, como Ailton Krenak⁴. Dessa forma, busca-se aqui estabelecer um diálogo crítico e entusiasta com a produção audiovisual, destacando sua relevância social ao desenvolver uma nova narrativa histórica.

O objetivo deste trabalho é analisar o episódio da série *Guerras do Brasil.doc* à luz da História Pública, buscando entender como o documentário se apropriou e mobilizou o conhecimento histórico sobre as guerras de conquista dos sertões para transmitir ao grande público a importância e o impacto das guerras de conquista, sobretudo a “Guerra dos Bárbaros” na formação social e territorial do Brasil. Cabe a ressalva de que trabalho aqui apresentado oferece notas de pesquisa e análise ainda em processo de desenvolvimento, seguindo os itinerários metodológicos e de revisão bibliográfica que serão aprofundados em estudos posteriores.

Episódio 1 - Guerras da Conquista: caminhos de análise

A série documental *Guerras do Brasil.doc* trouxe ao grande público temas há muito negligenciados, mas profundamente desejados por quem consome conteúdo histórico. Os episódios da série ampliaram os horizontes para novas interpretações dos conflitos bélicos do período colonial brasileiro. A abordagem adotada pelos roteiristas e pelo diretor não se limitou a repetir narrativas consagradas; ao contrário, trouxe uma perspectiva renovada, oferecendo voz e espaço para que os representantes dos grupos diretamente impactados pelas guerras coloniais – como indígenas e afro-brasileiros – pudessem expressar suas interpretações e aspirações em relação ao passado. Além disso, foram mobilizados pesquisadores (sobretudo historiadores e antropólogos) que, nos

⁴ Ailton Krenak é liderança do movimento indígena no Brasil, além de filósofo, poeta, escritor e ambientalista. Ele integrou a Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1988, protagonizando a luta pelos direitos indígenas.



últimos anos, têm avançado em estudos sobre as guerras contra Palmares e contra os indígenas no século XVII, adotando análises que não se baseiam apenas nas grandes figuras ou nas jornadas dos bandeirantes, mas que apostam no dinamismo das relações entre os diversos indivíduos e grupos envolvidos nos conflitos.

Partimos da premissa de que o episódio “Guerras da Conquista” é construído com base em uma narrativa alicerçada em uma epistemologia decolonial, que, cada vez mais presente no campo historiográfico, tem inspirado novas pesquisas em antigos conjuntos documentais, buscando restituir o protagonismo daqueles que, por muito tempo, foram relegados a posições subalternas na história. Aníbal Quijano (2005) argumenta que a colonização das Américas consolidou um novo padrão de poder mundial baseado na classificação racial e na exploração econômica, articulando diferentes formas de controle do trabalho em torno do capitalismo emergente. De acordo com o pesquisador

A América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (Quijano, 2005, p. 117).

O episódio do documentário ecoa essa ideia ao mostrar como a escravidão indígena e as “guerras justas” foram ferramentas para legitimar e estruturar essa dominação, com base em um sistema que classificava os indígenas como



inferiores e, portanto, passíveis de exploração. Além disso, a narrativa problematiza o mito da “descoberta” e a visão eurocêntrica que legitima a violência colonial, alinhando-se ao esforço de desconstruir os pilares da colonialidade do poder. Assim, o documentário não apenas denuncia os processos históricos de opressão, mas também reivindica a centralidade das epistemologias indígenas como uma forma de resistência e uma alternativa à perspectiva hegemônica, buscando mobilizar o público promover o engajamento social em torno da questão indígena.

Matthew C. Nisbet e Patricia Aufderheide chamam a atenção para o fato de o gênero audiovisual documentário possuir o potencial de mobilizar o público, incentivando a participação ativa em questões sociais e políticas. Eles podem transformar espectadores em cidadãos engajados, promovendo a deliberação pública e a ação coletiva, fator que observa na série *Guerra do Brasil.doc*, sobretudo diante de seu viés decolonial, que almeja provocar o engajamento do espectador por meio da conscientização. De acordo com os pesquisadores, um dos impactos dos documentários sobre a sociedade é a possibilidade de se reformular a compreensão pública sobre problemas, apresentando novas perspectivas e vozes que desafiam narrativas dominantes. Isso pode levar a uma maior empatia e compreensão entre diferentes grupos sociais (Nisbet e Aufderheide, 2009, p. 452-453). Nesse sentido, a escolha pela interlocução envolvendo ativistas, pesquisadores e elementos gráficos coerentes com uma abordagem decolonial das guerras de conquista atendem ao sentido dado à série como um todo, que busca provocar o engajamento social e reformular uma outra compreensão pública sobre o passado envolvendo conflitos bélicos no Brasil.

Para Walter Mignolo, a colonialidade não é apenas um fenômeno histórico, mas uma matriz de poder que estrutura a organização social, cultural e epistemológica desde o século XVI. Segundo o autor, o pensamento decolonial implica um processo de desvinculação das imposições da



modernidade/colonialidade e a busca por modos de reexistência baseados em memórias e legados locais (Mignolo, 2016). Essa perspectiva remete diretamente à narrativa do episódio “Guerras da conquista”, especialmente quando lideranças indígenas, como Ailton Krenak e Sônia Guajajara, são apresentadas reivindicando suas histórias, territórios e epistemologias, confrontando a narrativa colonial e reafirmando suas próprias formas de ser e existir.

O diálogo que a série documental apresenta entre lideranças indígenas e pesquisadores acadêmicos que se debruçaram sobre as guerras e ações de conquistas remetem a noção de “autoridades compartilhadas”, fundamental em estudos que se fundamentam na História Pública. Nesse sentido, a ideia de uma autoridade rígida sobre os conhecimentos históricos pertencente apenas aos acadêmicos é revista, fomentando pesquisas em que as trocas de conhecimento entre aqueles impactados diretamente pelos fenômenos históricos e os historiadores são a base de toda a análise (Carvalho, 2018).

Outrossim, Marta Rovai (2020) ressalta que a história pública busca se afastar de modelos e narrativas em que o historiador detém exclusivamente o poder de narrar o passado. A produção de conhecimento histórico passa a ser colaborativa, envolvendo diferentes agentes — comunidades locais, movimentos sociais e indivíduos diretamente impactados pelos fenômenos históricos. A partir da noção de autorias compartilhadas, Rovai compreende – em diálogo com Santhiago (2018) – que a história pública fomenta a construção de narrativas históricas mais inclusivas e participativas, abrindo espaço para que memórias individuais e coletivas sejam reconhecidas e integradas à historiografia (Rovai, 2020). Uma consequência direta desse esforço em se construir narrativas participativas é o enfrentamento do revisionismo histórico, da manipulação do passado e da simplificação das narrativas para consumo de massa. O compartilhamento da autoridade é visto como uma estratégia para confrontar

esses problemas, permitindo que múltiplas vozes contribuam para a construção de narrativas mais honestas, pluralistas e comprometidas com a justiça social.

Metodologicamente, iniciamos com uma análise de conteúdo, realizando uma “pré-análise” exploratória do episódio “Guerras da Conquista”. Esse processo permitiu delinear objetivos claros e formular hipóteses sobre a narrativa histórica presente no documentário. Nesta etapa, o episódio foi examinado detalhadamente, com foco nas escolhas dos roteiristas em relação aos eventos retratados, nas interpretações oferecidas pelos pesquisadores entrevistados e no uso de elementos visuais e sonoros, como imagens históricas, ilustrações contemporâneas e letreiros informativos. A abordagem segue o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016), que permite identificar significados implícitos e traduzi-los em interpretações coerentes, fundamentais para a compreensão crítica dos episódios. O resultado dessa “pré-análise” verifica-se no quadro abaixo:

Quadro 1 – Primeiras interpretações sobre o episódio “Guerras da Conquista”

1. Contextualização Histórica	O episódio inicia destacando as visões dos naturalistas ao chegarem à Mata Atlântica, acompanhado por uma entrevista com Ailton Krenak, que contesta a ideia de um “evento fundador” para o Brasil. Essa abordagem inicial permite uma contextualização crítica sobre as interações iniciais entre europeus e povos indígenas, questionando a narrativa de descoberta.
2. Análise das Relações no Primeiro Século	O episódio explora as interações do primeiro século de colonização, com depoimentos de especialistas como Pedro Puntoni, que destaca as trocas culturais e os conflitos. Discute-se a alteridade, a diferença de mentalidades e a introdução da escravidão indígena, abordada por Krenak como o ponto de ruptura nas relações pacíficas iniciais.
3. Uso de Elementos Visuais e Sonoros	O episódio utiliza imagens históricas, gravuras coloniais e tons avermelhados para enfatizar as guerras e os conflitos, criando um contraste visual que ressalta a violência e a resistência indígenas. Mapas das capitanias hereditárias são sobrepostos sobre territórios indígenas, representando a invasão e a

	colonização.
4. Discussão sobre as guerras e o Impacto das Epidemias	A análise do impacto das epidemias e das guerras de conquista é acompanhada de uma interpretação dos ataques indígenas como resposta à invasão. Especialistas como Carlos Fausto abordam o “holocausto populacional” entre os indígenas, sugerindo uma “guerra total” promovida pelos colonizadores, evidenciando uma perspectiva de genocídio.
5. Persistência da Guerra e da Resistência Indígena	O episódio conclui com um enfoque na continuidade da resistência indígena, destacando o testemunho de Krenak sobre o estado de guerra constante e a crítica à desumanização dos povos indígenas. Imagens de reportagens e o discurso de Krenak na Assembleia Constituinte reforçam a ideia de uma guerra em curso, ainda relevante na atualidade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para dar continuidade à crítica histórica, desenvolvemos operações processuais que partiram da descrição analítica dos episódios, a partir dos pressupostos de Jörn Rüsen (2007), com o objetivo de entender os principais temas abordados: violência, poder, resistência e a questão dos territórios. Além disso, investigamos os personagens históricos mobilizados na narrativa — indígenas, africanos, quilombolas e colonizadores —, bem como os discursos dos especialistas e seus alinhamentos ideológicos.

A inclusão de narrativas visuais e simbólicas foi central nessa análise, abrangendo o uso de imagens de época, ilustrações contemporâneas, mapas e elementos sonoros, que contribuíram para a construção dos sentidos históricos apresentados pela série. Esse segundo momento foi essencial para uma interpretação crítica, sintetizando as diversas perspectivas e conjunturas que emergem do documentário. Para isso, partimos de Rüsen (2007), que enfatiza a importância da narrativa histórica na formulação de sentido. Esse arcabouço



teórico permitiu compreender as estratégias narrativas adotadas pelos realizadores da série e como elas reconstroem a história de maneira decolonial, ao reavaliar os eventos sob uma nova lente interpretativa que rompe com as abordagens eurocêntricas tradicionais.

Para a análise do episódio “Guerras da conquista” de *Guerras do Brasil.doc*, partimos do entendimento de que o conhecimento histórico apresentado na série documental é uma narrativa subjetiva, construída a partir de uma seleção criteriosa de eventos relativos às guerras de conquista (White, 1995). Esses eventos foram organizados de modo a formar uma nova interpretação, que se distancia das narrativas tradicionais, sobretudo aquelas formuladas no século XIX, que enfatizavam a “missão civilizatória” do processo de colonização do Brasil. Em contraste, a série foca na violência e na exploração como pilares centrais desse processo. Ao adotar um *emplotamento* – para se usar um conceito de Hayden White – que privilegia uma abordagem decolonial dos eventos, o documentário rompe com a historiografia eurocêntrica e destaca as dinâmicas de opressão e resistência.

O documentário não apenas revisita o passado, mas também reinterpreta os eventos bélicos das guerras de conquista à luz de novas abordagens teóricas, proporcionando uma crítica fundamentada à tradição historiográfica. Nesse sentido, Jörn Rüsen (2007) enfatiza a importância da narrativa histórica na formulação de sentido aos eventos do passado, destacando que é por meio da organização cronológica e causal dos acontecimentos que o historiador cria um vínculo entre o presente e o passado, permitindo que a história seja compreendida não apenas como um conjunto de fatos isolados, mas como uma interpretação significativa da experiência humana. Essa construção narrativa, segundo Rüsen, é essencial para conectar o conhecimento histórico às questões contemporâneas, tornando o passado relevante para as demandas sociais e culturais do presente.



“Nós ainda estamos em guerra”

O primeiro episódio de *Guerras do Brasil.doc*, “Guerras da Conquista”, traz a presença marcante de Ailton Krenak⁵ já nos seus primeiros segundos de exibição, cujo depoimento serve como ponto de ancoragem para as críticas às narrativas tradicionais sobre o processo de colonização do Brasil. Desde a abertura, há uma ênfase na desconstrução de mitos fundacionais da história brasileira, como o próprio “descobrimento”, desafiando uma narrativa oficial que ainda reverbera no ensino e na historiografia de senso comum. Krenak rechaça a ideia de um evento fundador único, problematizando a “descoberta” como parte de um projeto contínuo de conquista e violência.

Indo além, Ailton Krenak lança uma frase de impacto: “Nós ainda estamos em guerra”, estabelecendo uma continuidade entre os eventos bélicos das guerras de conquista do passado colonial e o momento atual, nos quais a violência, a exploração e a conquista (sobretudo das terras) são fatores que interligam os contextos históricos. Krenak abre um horizonte de análise que vai além dos fenômenos bélicos da história do Brasil, abordando o uso da violência nos processos de conquista, formação e consolidação do território brasileiro. Stuart Elden (2016) destaca que a violência, inerente à colonização, expõe uma relação de dominação, em que a guerra se apresenta como o expoente máximo dessa dinâmica. Essa dominação permite compreender o território como uma entidade jurídico-política, onde a jurisdição de sujeitos e instituições que atuam em nome da Coroa na colônia se manifesta pelo controle da terra e do espaço. Nesse sentido, a série documental se alinha a uma discussão espacial sobre a formação territorial do Brasil, ao evidenciar que a guerra — e a violência que ela carrega — é o mecanismo central para alcançar o domínio sobre povos e territórios no processo de conquista (Moraes, 2008).

⁵ Ailton Krenak é liderança do movimento indígena no Brasil, além de filósofo, poeta, escritor e ambientalista. Ele integrou a Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1988, protagonizando a luta pelos direitos indígenas.



A escolha dos roteiristas de abrir a série documental com o relato de Ailton Krenak possui um sentido basilar: estabelecer um contraponto à narrativa hegemônica que apresenta o “descobrimento” como o ponto de origem da nação brasileira. Como destaca Benedict Anderson (1983), as comunidades imaginadas são formadas a partir de narrativas compartilhadas, frequentemente construídas e propagadas pela mídia. Nesse contexto, a série documental desempenha um papel essencial ao adotar uma abordagem decolonial que desafia o eurocentrismo das versões consolidadas da história.

Ao trazer para o centro da narrativa as vozes e perspectivas dos grupos historicamente marginalizados (os indígenas, no caso do primeiro episódio), a produção reimagina o passado e contribui para a construção de uma nova memória coletiva que dialoga com demandas contemporâneas por reconhecimento e justiça histórica. Aqui, a série cumpre um papel importante no campo da História Pública ao dar espaço às vozes indígenas contemporâneas, destacando a agência desses povos não apenas como vítimas, mas como protagonistas de suas próprias narrativas. A crítica de Krenak e outros intelectuais, como Sonia Guajajara, expõe as práticas de resistência indígena, em especial contra a escravização e o extermínio, que são centrais para uma compreensão mais ampla da dinâmica colonial.

O episódio também se apoia em historiadores como Pedro Puntoni e Carlos Fausto, que fornecem um arcabouço historiográfico para as narrativas apresentadas. O foco nas guerras da conquista dos sertões, como a chamada “Guerra dos Bárbaros”, ilustra como o documentário se apropria de um dos debates mais férteis da historiografia recente: a guerra como elemento estrutural da colonização. Puntoni afirma que a história da colonização é uma história de guerra contínua, um argumento que reforça a tese de que o processo de expansão territorial luso-brasileira não pode ser compreendido sem considerar a violência constante contra os povos indígenas e negros.



Nesse sentido, a série se afasta de uma visão simplificada e heroica da colonização, que por muito tempo privilegiou as narrativas centradas em bandeirantes e conquistadores. Ao invés disso, busca ressaltar o dinamismo das relações entre os diferentes grupos envolvidos nos conflitos. A série dialoga diretamente com o esforço de reexaminar fenômenos como a escravidão indígena, a política de "guerras justas" e a expansão do gado nos sertões como parte de um projeto colonial genocida, uma análise corroborada pela historiografia recente.

Considerações finais

O episódio “Guerras da Conquista”, da série *Guerras do Brasil.doc*, demonstra como o audiovisual pode ser uma ferramenta poderosa para reavaliar as narrativas históricas tradicionais e promover uma visão crítica e decolonial do passado brasileiro. Ao trazer para o centro da narrativa as vozes de lideranças indígenas, como Ailton Krenak e Sonia Guajajara, e articulá-las com interpretações acadêmicas de historiadores e antropólogos, a produção exemplifica a prática de “autoridades compartilhadas”. Esse diálogo entre diferentes agentes históricos e contemporâneos proporciona uma narrativa plural, que rompe com o eurocentrismo e destaca a centralidade da violência e da resistência indígena como elementos estruturantes da formação do território brasileiro.

Além disso, o documentário consegue transformar o passado em uma ferramenta de reflexão sobre o presente. Ao problematizar o mito da “descoberta” e a visão heroica da colonização, a série contribui para a desconstrução de estereótipos históricos e para o fortalecimento de uma memória coletiva mais inclusiva e crítica. Sob uma perspectiva de História Pública, a escolha de combinar recursos visuais e sonoros impactantes com depoimentos contundentes demonstram a capacidade do audiovisual de engajar o público na



reflexão sobre as continuidades entre os processos históricos de dominação e as demandas contemporâneas por justiça social e territorial.

Por fim, a produção não cumpre apenas um papel informativo, mas também atua como um convite à ação. Inspirada por uma epistemologia decolonial, uma série de busca mobilizadora dos espectadores, transformando os consumidores passivos em cidadãos engajados, capaz de compreender as complexidades da história e refletir sobre seus desdobramentos no presente. Assim, “Guerras da Conquista” transcende o formato tradicional do documentário, posicionando-se como um importante recurso pedagógico e político, capaz de fomentar o diálogo entre história, memória e demandas sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Bruno Leal P. de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In.: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 169-180.
- ELDEN, Stuart. Terra, Terreno, Território. **Geografares**, nº 21, Jan-Jun, 2016. p.42-60.
- GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena**. 3 ed. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.
- HAYDEN, Dolores. **The Power of Place: Urban Landscapes as Public History**. Cambridge: MIT Press. 1997.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MACEDO, Paulo Emílio V. Borges de. O Direito da Guerra em Francisco Suárez: o projeto civilizador da escolástica espanhola. **Revista da Faculdade de Direito da UERJ**, vol. 2, nº 22. Rio de Janeiro, 2012.
- MIGNOLO, Walter D. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. **MASP Afterall**, São Paulo, nº 2, p. 2-15, 2019. Disponível em:



<https://assets.valide.vc/uploads/temp/temp-YC7DF1wWu9O9TNKezCD2.pdf>.

Acesso em: 24 set. 2024.

_____. **Desafios Decoloniais hoje. Epistemologias do Sul**, foz do iguaçu/PR, 1(1), PP. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em 24 set. 2024.

MILANEZ, Felipe. SANTOS, Fabrício Lyrio. **Guerras da conquista**: da invasão dos portugueses até os dias de hoje. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

Nisbet, M. C., & Aufderheide, P. *Documentary Film: Towards a Research Agenda on Forms, Functions, and Impacts*. **Mass Communication and Society**, 2009, vol. 12, 450–456.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. LANDER, Edgardo. In.: **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História Pública: um desafio democrático aos historiadores** In.: REIS, Tiago Siqueira. Et. Al. **Coleção História do Tempo Presente**: volume 2. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SILVA, Tyego Franklim da. **“Entrada dos palmares e sossego dos Tapuias do Rio Grande”**: as guerras de conquista dos sertões das Capitanias do Norte do Estado do Brasil (1654-1716). Orientador: Dr. Légio José de Oliveira Maia. 2023. 362f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem Informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Campinas: Unicamp, 2023.